

Itamar queria blitz de fiscais

Haddad evitou uma invasão a supermercado

JOÃO BORGES

BRASÍLIA — Invadir um supermercado do Rio de Janeiro ou de Brasília com um grupo de fiscais da Sunab, Polícia Federal, Receita Federal e da Secretaria Nacional de Defesa Econômica, numa espécie de reencarnação dos tempos do Plano Cruzado do Governo Sarney — essa foi a orientação que o ministro da Casa Civil, Henrique Hargreaves, repassou em 9 de fevereiro ao ministro interino da Fazenda, Emilio Carrazay, e ao superintendente da Sunab, Jeferson Boechat, com o objetivo de demonstrar a preocupação do Governo com a alta dos preços. Segundo Hargreaves, o presidente Itamar Franco estaria inconformado com o aumento dos gêneros de primeira necessidade e queria mostrar que o Governo não estava alheio ao problema.

O impacto da operação, segundo a estratégia do Palácio do Planalto, seria assegurado com um convite às emissoras de televisão para acompanhar a invasão. O ministro Paulo Haddad, que estava em Washington negociando com o Fundo Monetário Internacional, só foi informado da determinação do Planalto no mesmo dia em que Hargreaves telefonou para o Ministério da Fazenda determinando que fosse organizada a blitz.

— Isso não pode ser feito, de maneira alguma — disse Haddad a Emilio Carrazay, que o alcançara, por telefone, no intervalo de uma reunião.

A blitz no supermercado bateria de frente com a estratégia de Haddad, que vinha tendo conversas reservadas com grandes empresários e fornecedores, com o objetivo de conter a onda de remarcação de preços. Em vez de confronto, ele achava que o diálogo e a reafirmação do compromisso de que não haveria medidas intervencionistas no mercado seriam capazes de afastar o risco de explosão inflacionária, até que fosse elaborado o plano de estabilização da economia.



Para não dizer um não seco a Hargreaves, Haddad orientou seus assessores em Brasília a dizerem ao ministro da Casa Civil que ele estava estudando a forma de lançar a blitz, que deveria ser precedida de um levantamento de preços. Além disso, combinou-se que o comando da operação deveria caber ao Ministério da Justiça, através da Secretaria de Defesa do Direito Econômico.

Hargreaves ligava constantemente para cobrar. Mas a estratégia de rejeitar o comando da operação funcionou: começou um jogo de empurra, pois ninguém queria assumir a responsabilidade de liderar a blitz. Quando Haddad retornou de Washington, dia 11, uma quinta-feira à noite, as pressões do Palácio do Planalto já haviam cedido. Hargreaves não telefonou mais para exigir a realização da blitz, e Haddad também preferiu não tocar no assunto com Itamar.